

STELLA

Revista Trimestral | Nº 694 | Ano LXXIII | Abril a Junho | 2019



**CENTENÁRIO DA PRIMEIRA CAPELINHA DAS APARIÇÕES
MEMÓRIA DO FRANCISCO MARTO
PEREGRINAÇÃO A JERUSALÉM**

ÍNDICE STELLA

FICHA TÉCNICA

Fundador:

Padre Manuel Nunes Formigão

Editora e Proprietária:

Congregação das Irmãs Reparadoras
de Nossa Senhora de Fátima
www.reparadorasfatima.pt
Tel.: 249 539 240

Diretora:

Inez Vieira

Assessores de redação:

Ana Ferreira
Clara Marto
Nuno Prazeres
Rafael Marques

Redação e Administração:

Rua Francisco Marto, 203
2495-448 FÁTIMA – Portugal
Tel.: 249534767
E-mail: stellaredacao@gmail.com

Assinaturas:

Anual: 10 €
Amigo e Estrangeiro: 20,00 €
Pagamento Adiantado, no início do ano,
por vale, cheque ou transferência bancária:
SANTANDER TOTTA
NIB: 0018 2257 00477331020 86
IBAN: PT50 0018 2257 00477331020 86
SWIFT / BIC: TOTAPTPL

EJ nº 212378 – Registo ERC 112380

ICS Depósito Legal nº 89333/95

NIF: 500835560

Design Gráfico:

Cátia Lopes de Freitas

Impressão:

Gráfica Almondina – Torres Novas
Tiragem: 2000 exemplares

Capa: Foto STELLA – da réplica da Capelinha na exposição temporária comemorativa do centenário da sua construção

Com aprovação da autoridade eclesialística

Estatuto Editorial:

<http://www.reparadorasfatima.pt/revista-stella>



02 - 03 | Ficha técnica | Índice | Editorial

Fátima, Stella Mundi

04 - 05 | A Capelinha das Aparições: o cumprimento do pedido celeste | Sónia Vazão

06 - 07 | Em que silêncio se encontra Deus? – Em memória do Francisco Marto | Pedro Valinho

08 - 09 | À Maneira de Memória – Peregrinação de Nossa Senhora de Fátima ao Panamá | Marco Daniel

10 - 11 | Breve caracterização de Fátima (1910-1917) – 1 | José Poças

Fé e Vida

12 - 13 | Atualidade Eclesial – Atividade Internacional da Santa Sé | Manuel Saturino Gomes

14 - 15 | Emaús e a revelação da Fé Pascal | Augusto César

16 - 17 | A vida fundamentada na fé | Teresa Sá

18 - 19 | Poesia: O grande Amigo | Teresa Costa

Venerável Pe. Formigão, o Homem e a Obra

20 - 21 | A Luz e a Veste Batismal do Pe. Formigão | Rafael Marques

22 - 23 | Manuel Nunes Formigão: Missionário e primeiro historiador dos acontecimentos de Fátima | Margarida Rézio

24 - 25 | Pe. Fundador – Testemunho | Inês Vieira

26 - 27 | Página Infantil – como vejo as irmãs? | Vários

Olhares da Stella

28 - 29 | Peregrinação à Terra Santa | STELLA

30 - 31 | Família/Trabalho – Cultura de “E” ou do “OU” | Teresa Lago

32 - 33 | Comunicação Social – 3

34 - 35 | Publicidade



SER CHAMADO...

Eu li já algum tempo esta afirmação: “Tudo o que se faz sem vocação, por importante que pareça, murcha como uma flor. Tudo o que se faz com vocação, embora pareça insignificante, frutifica sempre”. Mas a nossa sociedade, na sua generalidade, parece identificá-la, transformando a vocação em fazer apenas aquilo que é agradável ou nos faz felizes.

Para o cristão é evidente que é Deus quem chama. Deus marcou um caminho, mas deixa ao homem, à mulher ou ao jovem a liberdade para descobri-lo e, uma vez encontrado, segui-lo.

A busca da vocação pessoal é parte da nossa ocupação nesta vida, da nossa grandeza humana. Encontrá-la e não a viver apaixonadamente é ruinoso para a nossa vida. Encontrá-la e vivê-la em profundidade é o caminho para a felicidade e a plena realização pessoal. Deus utiliza os nossos caminhos como fez com os Pastorinhos, com o Pe. Formigão, com várias figuras bíblicas e com a jovem Maria de Nazaré. Deus utiliza os desejos mais profundos que nos empurram para um modo de ser e estar no mundo, com os gostos e as esperanças do ser humano de cada tempo...

A resposta a Deus que chama, isto é, o «acolhimento» é sempre mediada pela fé. O acolhimento ou resposta consiste em «abrir a porta a esse convite» e lançar-se a caminhar. Para os que respondem sim, parece existir uma serenidade interior, para realizar aquilo em que acreditam e na sua entrega e realização se joga o sentido de toda a sua vida.

Nesta edição da nossa revista temos ocasião de rever a experiência vocacional de Maria a Senhora de Fátima, do Pe. Formigão e dos Pastorinhos com um denominador comum “abriram-se radicalmente aos outros”. Apresentam e vivem a Mensagem seguindo Jesus como o Deus do cuidado pelos outros, que pensa intensamente e se preocupa de forma gratuita com os outros. Os pastorinhos são iniciados na oração pelo outro, que corre o risco de não chegar à eternidade, como sujeito eterno. É na raiz disto que o Anjo ensina: «... peço perdão para o outro que não ama, não acredita e não tem esperança». O Pe. Formigão foi o eleito de Maria, para

dar continuidade à vida de reparação e oração pelos outros, segundo o «recado de Nossa Senhora», a Senhora de Fátima dado à Jacinta. A Virgem Maria faz-se peregrina, percorre milhares de quilómetros, e vai ao encontro das famílias jovens e das que já têm muitos anos de juventude, em todos os lugares do mundo, e entrega o seu Imaculado Coração, como lugar de conforto e consolação....

Que bom e útil é acolher a vocação como um dom que se recebe de Deus, para o cuidado da humanidade!

MIV, rf

A Capelinha das Aparições: o cumprimento do pedido celeste

SÓNIA VAZÃO



A Capelinha das Aparições é uma das construções mais icónicas do Santuário de Fátima, porquanto, entre outros aspetos, foi o primeiro edifício a ser construído na Cova da Iria, Fátima, lugar identificado por três crianças de Aljustrel, Francisco e Jacinta Marto e Lúcia de Jesus, como tendo sido o da mariofania de 1917. Devido à sua importância, este edifício, assim como as construções que constituem o Santuário e que foram erigidas até 2007, foram alvo de um estudo aprofundado por parte de Marco Daniel Duarte na tese de doutoramento e na qual foram fixados os avanços científicos mais recentes relativos a este tema.

É de mencionar que, em rigor, a Capelinha não foi o

primeiro elemento arquitetónico a ser erigido na Cova da Iria, uma vez que, após o desaparecimento da azinheira sobre a qual terá aparecido a Virgem Maria, foi instalado no local das aparições um pórtico de madeira, rústico e que foi guarnecido com lanternas e flores, com o propósito de sinalizar, de forma inequívoca, o local das aparições.

Construída entre 28 de abril e 14 de junho de 1919, ou seja, cerca de dois anos depois das Aparições de Fátima, a Capelinha possui a estrutura de uma pequena ermida, de traça popular, com telhado de duas águas e entrada axial. No interior, na extremidade oposta à porta, foram instalados um altar e um nicho, este último para colocação da Imagem de

[Foto_ SF]

Nossa Senhora de Fátima. Tais opções morfológica e estética explicam-se, pelo menos em grande parte, pelo contexto no qual foi edificada.

Importa referir que a Capelinha foi construída com o objetivo de cumprir o pedido que, a ter em conta os testemunhos já disponíveis na época, foi comunicado pela Virgem Maria às três crianças em 13 de outubro de 1917; citamos de seguida um excerto da Quarta Memória de Lúcia de Jesus – que em 1941, data da redação deste manuscrito, era religiosa doroteia – no qual se explicita o pedido celeste que terá sido efetuado: «Quero dizer-te que façam aqui uma capela em minha honra que sou a Senhora do Rosário [...]».

Logo em 8 de janeiro de 1918, Manuel Marques Ferreira, pároco de Fátima, escreveu a D. António Mendes Belo, Cardeal Patriarca de Lisboa – nesta data, a diocese de Leiria estava extinta, tendo sido restaurada em 17 de janeiro de 1918 –, a solicitar que lhe fossem dadas instruções para a gestão de um pedido que lhe tinha sido apresentado por uma comissão de paroquianos da freguesia de Fátima para a construção de uma pequena capela ou de um nicho que fizesse memória da Aparição da Virgem Maria às três crianças. No ano seguinte, em 28 de abril de 1919, o mesmo presbítero escreve a D. João Evangelista de Lima Vidal, Arcebispo de Mitilene, a informar que Maria Carreira – mais conhecida por ‘Maria da Capelinha’ – tinha recolhido ofertas deixadas por aqueles que se deslocavam à Cova da Iria e que naquele dia tinha sido iniciada a construção de uma capela naquele local, pois: «o povo deseja[va] muito ali uma Capella».

É importante que se tenha em consideração que a conjuntura política em 1917, assim como nos anos seguintes, era adversa para a Igreja Católica, uma vez que o regime político vigente à data, implantado em 5 de outubro de 1910, tinha uma relação tensa com a Igreja, nomeadamente no que diz respeito às manifestações públicas de fé. Perante tal cenário, ao qual se juntava a tradicional reserva da hierarquia da Igreja na gestão deste tipo de fenómenos do sobrenatural, a Igreja optou por uma postura de contenção na tomada de posições oficiais institucionais sobre o assunto. No que diz respeito à construção da Capelinha, esta reserva foi ul-

trapassada pela adesão dos leigos ao fenómeno de Fátima e pela convicção com que alguns o fizeram desde o seu início. Tomamos a título de exemplo o caso de José Pereira Novo que, em 29 de março de 1919, redige uma missiva ao pároco de Fátima na qual descreve algumas das vivências que teve na Cova da Iria, posicionando-se favoravelmente em relação às aparições, pela qual solicita a construção de uma capela naquele local.

Em suma, a Capelinha contruída por Joaquim Francisco Barbeiro, sob a orientação de Manuel Carreira, resultou num edifício de linhas populares e simples, afastada dos cânones da arquitetura erudita, que teve como principal objetivo cumprir um pedido que se acreditava ter sido efetuado pela Virgem Maria.

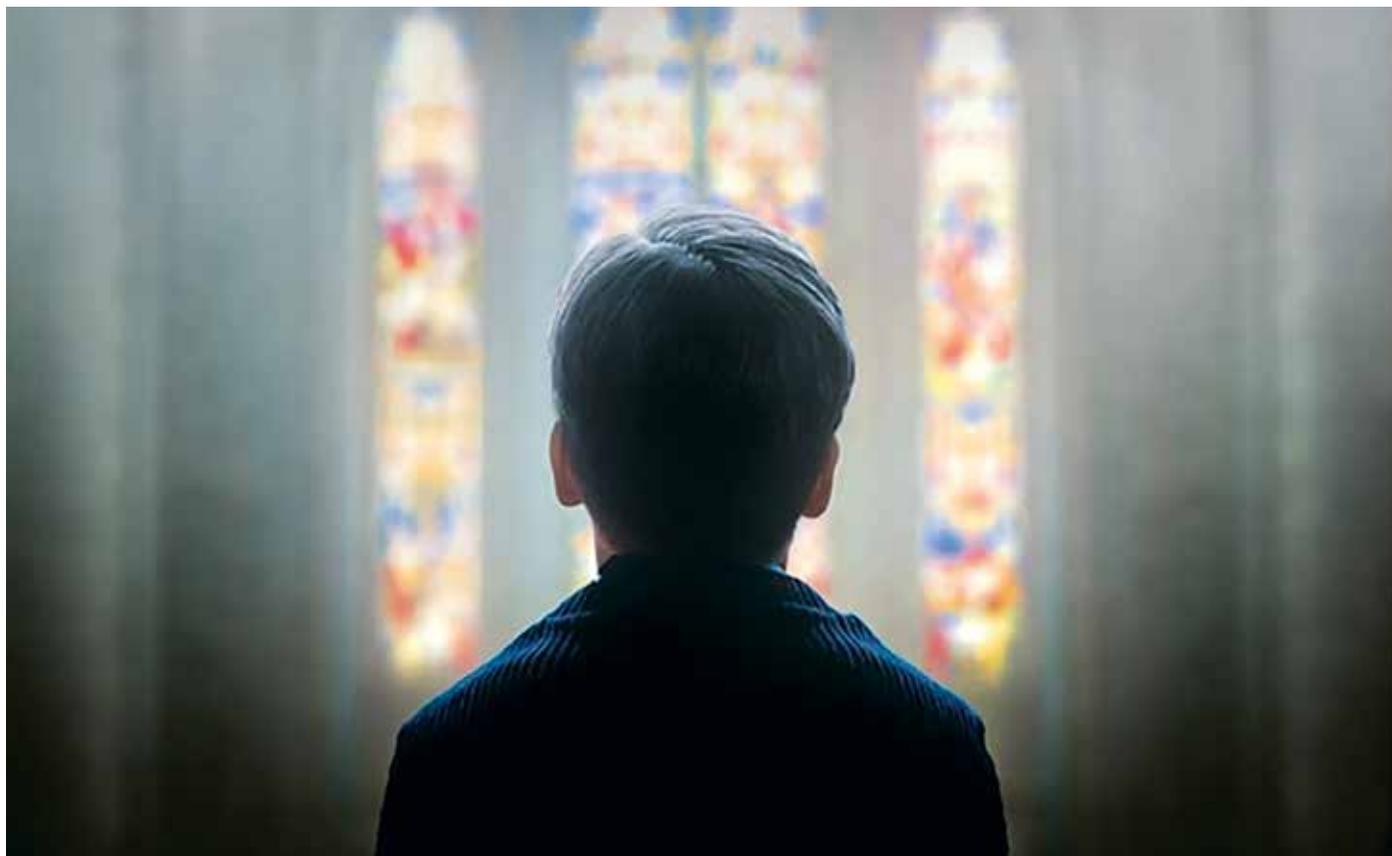
Ao longo destes cem anos, a Capelinha das Aparições foi encarada por muitos daqueles que se deslocaram à Cova da Iria como o coração do Santuário da Cova da Iria, quer pela sua localização geográfica – junto do lugar identificado como tendo sido o das Aparições – quer porque nela se encontra à veneração a primeira Imagem de Nossa Senhora de Fátima, um dos ícones marianos mais relevantes do cristianismo contemporâneo.

Dra. Sónia Vazão, Coordenadora do Serviço de Investigação do Departamento de Estudos do Santuário de Fátima

Em que silêncio se encontra Deus?

Em memória do Francisco Marto

PEDRO VALINHO



«Quando Ele abriu o sétimo selo, fez-se no céu um silêncio de cerca de meia hora» (Ap 8,1).

Abriu-se um espaço de silêncio no interior de um menino de nome Francisco. Foi o Silêncio de Deus quem escavou esse lugar e ali deixou saudades e o eco do seu nome segredado na amizade íntima. O Francisco Marto não voltou a ser o mesmo. Mesmo a sua irmã Jacinta e a prima Lúcia estranhavam:

– Porque não vens brincar connosco?

– Porque estou a pensar em Deus. Este poço de silêncio no meu interior arde-me por dentro e o coração parece-me saltar do peito com o desejo de me oferecer por inteiro a este meu amigo escondido. O meu peito é como aquela sarça ardente com quem Moisés falou. E não sei mais que diga, que só o silêncio descreve o beijo que Deus me dá e pelo qual anseio como veado sedento.

Tudo começara naquele encontro com um jovem vestido de luz que parecia ser um anjo. Na verdade, tudo o que vale a pena na vida começa assim, num encontro iluminado, que nos ofusca ao ponto de, de aí em diante, nada se ver se não essa luz. Naquele dia, o Francisco olhava essa figura an-gélica tão bela, mas não ouvia o que ela dizia. Era a Luz quem

[Foto_Internet]

lhe falava em silêncio, com palavras que não se dizem, que não se podem dizer nunca.

Ali, o Francisco sentiu-se transformar interiormente. Era como se a vida toda fosse aquele encontro. Diz-se que os místicos vivem assim, suspensos no agora de Deus, sedentos na fonte em que se saciam. Assim também o Francisco. E nem foram precisas palavras. Convocado no silêncio, é no silêncio que o Francisco invoca. Mas o seu recatado “pensar em Deus” não é uma disciplina de silêncio imposta por um qualquer imperativo. É a orientação da sua vida toda para aquela amizade primeira que o cativou. Porque ele não sabe já ser de outra forma. Como poderia ele ser de outra forma se vivia suspenso no desejo daquela luz oferecida no silêncio? Faltam as palavras para dizer esta relação vital. Sobram as palavras para dizer esta relação vital.

Quando, depois, uma Senhora vestida da mesma Luz veio perguntar-lhes se queriam oferecer a vida toda a Deus para liberdade dos que andam cativos, o Francisco disse, com a Jacinta e com a Lúcia, “sim, queremos”. Ele não ouviu a pergunta, mas compreendeu a Luz. E a Luz de que ele se enamorou, em silêncio, só podia ter esse projeto de amor. Quando o peito se converte em sarça ardente, sabemos que a vida está lançada para a liberdade dos que sofrem. Por isso:

– Sim, queremos.

Este *sim* surpreendente oferecido em silêncio ao silêncio de Deus é provocação a um jeito de ser dos discípulos de Cristo. É a disponibilidade para o dom de si no acolhimento dos desígnios de Deus, mesmo não os conhecendo plenamente, não os escutando em palavras detalhadas, não controlando a gramática dos seus planos, mas intuindo com uma força inabalável que os seus desígnios são de misericórdia e que «tudo concorre para o bem dos que amam a Deus» (Rm 8,28). O Francisco não sabia mais nada, nem queria mais nada. Ele só queria o silêncio. O Francisco era confidente do silêncio de Deus.

Se alguém perguntar quem foi este menino, Francisco Marto de Fátima, a resposta deverá ser encontrada no silêncio em que Deus fala e que fala de Deus. Estava certo o poeta que, a respeito de um outro Francisco, o pobre de Assis, dizia

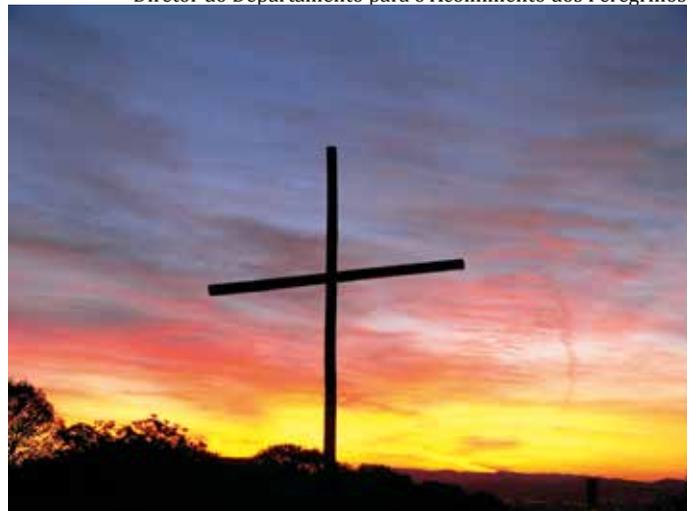
que «se se quer conhecer um homem, é preciso buscar aquele para quem a sua vida está secretamente voltada». A vida deste menino – que cultivava a santidade no íntimo de uma relação de amizade – apenas se compreende a partir daquele que é o interlocutor do seu silêncio, a partir daquele que é a razão da sua vida e do seu silêncio, a partir daquele que é, para o pequeno Francisco, Palavra revelada em silêncio.

O menino de Fátima vive ao jeito daquele servo bom e fiel, que faz render os seus talentos. O dom do silêncio, acolhido da epifania de Deus, frutificou numa vida toda feita adoração. Olhar o menino do silêncio de Deus é compreender que o essencial, isso que é apenas visível com os olhos do coração, é indizível por palavras e apenas verdadeiramente afirmado com a vida. A vida do menino do silêncio de Deus, o menino que apenas via e para quem ver foi tudo, surpreende e provoca e convoca.

Talvez olhando o Francisco com um olhar silencioso da fé seja possível compreender em que silêncio se encontra Deus.

Doutor Pedro Valinho,

Diretor do Departamento para o Acolhimento dos Peregrinos



A Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima na Jornada Mundial da Juventude, no Panamá – à maneira de memória

MARCO DANIEL DUARTE



A coincidência dos tempos que envolveram a necessária preparação para a formalização do pedido relativo à presença da primeira Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima na Jornada Mundial da Juventude levou a que o Arcebispo do Panamá informasse a sua diocese e o mundo de que a Senhora de Fátima seria a peregrina n.º 2 daquela Jornada. Esta informação era assumida poucos dias depois de o papa Francisco, na varanda do Palácio Apostólico, durante o 'Angelus' do dia 11 de fevereiro de 2018, se inscrever na Jornada Mundial da Juventude e tornava, de facto, a Virgem Maria, com o título

de Nossa Senhora de Fátima, a segunda peregrina inscrita na Jornada Mundial da Juventude de 2019. O seu cartão de peregrina haveria de ser colocado na sua imagem no dia 21 de janeiro, quando a escultura chegou ao Aeroporto Internacional de Tocumen e foi recebida por D. José Domingo Ulloa, ordinário do lugar e anfitrião de todos os inscritos, com vários bispos da América Latina que estiveram presentes na capela do aeroporto.

O anúncio deriva da resposta que o arcebispo recebera da parte do reitor do Santuário de Fátima, ao informar que a exceção de a imagem sair da basílica mais antiga do San-

tuário da Cova da Iria se justificava por esta Jornada Mundial da Juventude se centrar, pela primeira vez, numa temática mariana e, bem assim, pelo facto de este encontro ser uma jornada mundial, um acontecimento eclesial à escala planetária, com a reconhecida importância que a Igreja lhe reporta.

Precisamente por se reconhecer a importância da Imagem Peregrina de Fátima junto dos jovens de todo o mundo e de levar àquela jornada a paisagem celebrativa da Cova da Iria, nomeadamente no sábado, durante a vigília de oração presidida pelo papa, esta ida vinha a ser refletida desde o ano de 2017, altura em que fora apresentado, ainda que não formalmente, o pedido ao Santuário de Fátima.

A somar a tantos e tantos quilómetros já percorridos (quilómetros que perfazem mais de 15 voltas ao mundo), a Imagem de Nossa Senhora de Fátima auferiria nesta visita novos significados a juntar a tantos episódios vividos desde o dia 13 de maio de 1947 em que saiu da Cova da Iria rumo ao mundo. Para além disso, o «bispo vestido de branco», como é definido o papa a partir do léxico de Fátima, estaria uma vez mais diante da imagem branca da Virgem Maria, o que aconteceu durante os largos minutos que, em silêncio, o papa Francisco se demorou, antes de a entregar aos jovens como presença permanente nos seus caminhos: «durante esta noite, Maria continua intercedendo

[Foto_Agência Lusa]

pelo mundo e pela Igreja. Também esta noite podemos escutá-la a dizer: “Façam o que Ele vos disser”» (últimas palavras de Francisco antes de se retirar do espaço celebrativo e de iniciar a imponente procissão com a Imagem de Nossa Senhora de Fátima por entre os jovens que povoavam o parque).

Quem viveu de perto esta jornada pode testemunhar o carinho com que a figura de Maria foi tratada pela multidão dos jovens de todo o mundo que especialmente a reconhecem no ícone de Fátima, essa imagem branca, de mãos postas em oração, coroada como rainha e portadora dos mistérios de Cristo no rosário que apresenta sobre si entronizado. Nessa noite, a Imagem somou um título mais a tantos que a história do catolicismo contemporâneo lhe votou: Rainha da juventude e Peregrina com todos os jovens.

A vivência desta noite, em que a imagem circulou por todo o orbe através das fotografias e vídeos que os jovens, oriundos de todo o mundo, colocaram nas redes sociais, era apenas um dos pontos mais significativos de toda a viagem, que se estendeu entre o dia 21 e 29 de janeiro de 2019. Durante esses dias, a escultura, que permaneceu na capela destinada à adoração permanente ao Santíssimo Sacramento, daí saía rumo às diferentes paróquias do Panamá, ao Santuário Nacional e a outros lugares, alguns deles lidos como periferias. Assim foi



lida, de facto, a sua peregrinação ao Instituto Oncológico Nacional e ao Centro Penitenciário Feminino. Por todos estes lugares, entre eles a paróquia que, desde 1954 lhe é dedicada, no bairro do Chorrillo, se via a sociabilidade típica do mundo contemporâneo, na aspereza das assimetrias sociais, económicas e culturais, mas também nos rostos confiados de que Maria traz ao mundo, a todos os mundos, a paz de Cristo.

À distância de todo um longo processo iniciado em 2017, bem pode agora dizer-se que a Virgem Peregrina de Fátima abriu as portas à notícia do final da Jornada, de que a próxima

edição deste grande encontro se realiza em Lisboa, em 2022. Nesse ano, os jovens que estiverem a celebrar a sua fé em Portugal, Terra de Santa Maria, não ficarão indiferentes à mensagem que, de Fátima, se expandiu a todo o mundo.

Doutor Marco Daniel Duarte,
Diretor do Departamento de Investigação do
Santuário de Fátima

Breve Caracterização de Fátima (1910-1917) – I

JOSÉ POÇAS

1. A economia

O concelho de Vila Nova de Ourém no início do século XX era apenas um dos 18 concelhos do distrito, sem peso na economia e na política de Santarém. Com 9 freguesias, das quais 7 eram rurais e apenas 2 urbanas ou semi-urbanas (Vila Nova de Ourém e Freixianda), não admira que a atividade económica principal fosse a agricultura, encontrando aí ocupação a maior parte da população (68%), seguida, a grande distância, pela indústria (eixo Seça – Ourém) e comércio (centrado em Vila Nova de Ourém).

Em 1911, no início da República a densidade populacional na freguesia de Fátima era de 32,9 (hab/Km²), representando apenas 8 % da população concelhia. Em relação ao resto do concelho não apresentava grande número de proprietários de importância. Destacam-se António Marcelino Prazeres que embora vivendo na Charneca, freguesia de Ourém, tinha terras e casa no Casal Farto; o grande proprietário do Casal Farto, António Vitorino Coelho Prazeres; Jacinto Pereira Lopes, da Maxieira; José Pedro Marto de Fátima (não confundir este proprietário, que tinha 31 anos em 1915, com José Pedro Marto, de Aljustrel), Luís Joaquim e Francisco Gomes Laranjeiro de Boleiros.

A partir de 1901, havia uma feira mensal em Boleiros, “no 2º Domingo de cada mez “. Na sede da freguesia, no largo da igreja, realizava-se anualmente a feira de gado de São Sebastião, dia das festas deste santo, a 20 de Junho.

Poucos dias antes da Primeira Aparição, no dia 5 de Maio de 1917 foi inaugurada uma feira na Lagoa da Carreira (onde hoje se encontra parte da Rotunda Sul, com as estátuas dos 3 pastorinhos). Curiosamente esteve presente na sua inauguração o administrador de Vila Nova de Ourém, Artur de Oliveira Santos, que teria um dos papéis fulcrais na história das Aparições.

2. A religião

Em 1568, desmembrada da colegiada de Ourém, Fátima foi criada paróquia, sob a evocação de Nossa Senhora dos

Prazeres, ligada ao arcebispado de Lisboa. A 14 de junho de 1586 era integrada na pequena diocese de Leiria, criada pelo papa Paulo II, em 22 de maio de 1545.

Já no século XIX, o papa Leão III, com a bula *Gravissimum Christi Ecclesiam regendi et gubernandi munus*, ordenaria a remodelação diocesana de Portugal o que provocou a extinção da diocese de Leiria em setembro de 1882, passando novamente Fátima a estar dependente do Patriarcado de Lisboa.

Um dos Santuários mais importantes na região era o de Nossa Senhora do Fetal (a mãe de Lúcia, Maria Rosa, natural da Perulheira, Freguesia do Reguengo do Fetal, quando foi batizada, escolheu como madrinha Nossa Senhora do Fetal. Lúcia nas suas *Memórias IV*, p. 5, refere que “embora seja vulgar as famílias cristãs escolherem Nossa Senhora para madrinha de batismo dos seus filhos, para mim este pormenor não deixa de ter um singular significado”). Mas o local de grande devoção por parte da população da freguesia de Fátima era, sem dúvida, o santuário de Nossa Senhora da Ortiga.

3. A implantação da República e a perseguição à Igreja Católica

Derrubada a monarquia, o republicanismo laicista através do ministro da Justiça, Afonso Costa (líder do P.R.P.), aproveitou a máquina legislativa para combater a religião Católica. A 3 de novembro surgia a Lei do Divórcio, a que se seguiu a da Família, a 25 de dezembro de 1910.

O episcopado português, alarmado com esta perseguição, publicou uma pastoral coletiva, impressa em 24 de dezembro de 1910, condenando a política republicana em matéria religiosa e eclesial.

Afonso Costa viria a incompatibilizar-se decisivamente com a Igreja Católica devido à Lei da Separação da Igreja do Estado Português. Aprovada em 20 de abril de 1911, para os diversos setores católicos era uma intolerável intromissão do poder civil na esfera religiosa. Isto mesmo declararam os bispos portugueses, no protesto coletivo assinado em 5 de maio de 1911, no qual resumiam o conteúdo do diploma em 4 palavras: “injustiça”, “opressão”, “expolição” e “ludíbrico”.

[Foto_Stella]



Nossa Senhora do Fetal, venerada no seu santuário

De Roma, a Santa Sé reprova a Lei da Separação através da encíclica *Jandumdum in Lusitânia*, de 24 de maio, dirigida a toda a cristandade, onde expõe a iniquidade moral da obra legisladora republicana.

Novo golpe vai ser dado em 21 de agosto de 1911, quando surge a nova Constituição, com um conjunto de medidas, entre as quais a laicização dos actos públicos e da separação entre a Igreja e o Estado. O clero apelou à desobediência das “injustas leis republicanas” e o Governo reagiu deportando os bispos das suas dioceses, processo que ficou concluído em abril de 1912.

Este confronto, estendeu-se também a Vila Nova de Ourém. Tudo servia para controlar, perseguir ou dominar



Nossa Senhora da Urtiga, venerada no seu santuário

tão “retrógradas” figuras: a não declaração do destino dado ao produto dos peditórios, a possível leitura da carta pastoral, o toque de sinos ou até atividades consideradas suspeitas.

Em dezembro de 1911, tinham processos pendentes na Administração de Cristiano Romão Tavares os párocos de Rio de Couros, Seiça e Freixianda. O pároco de Fátima, António Rodrigues Pena, sofria, em junho de 1912, um processo que “continha sete folhas” de acusações.

Dr. José Poças,
Mestre em História Regional e Local

Atualidade Eclesial

Atividade Internacional da Santa Sé

MANUEL SATURINO GOMES

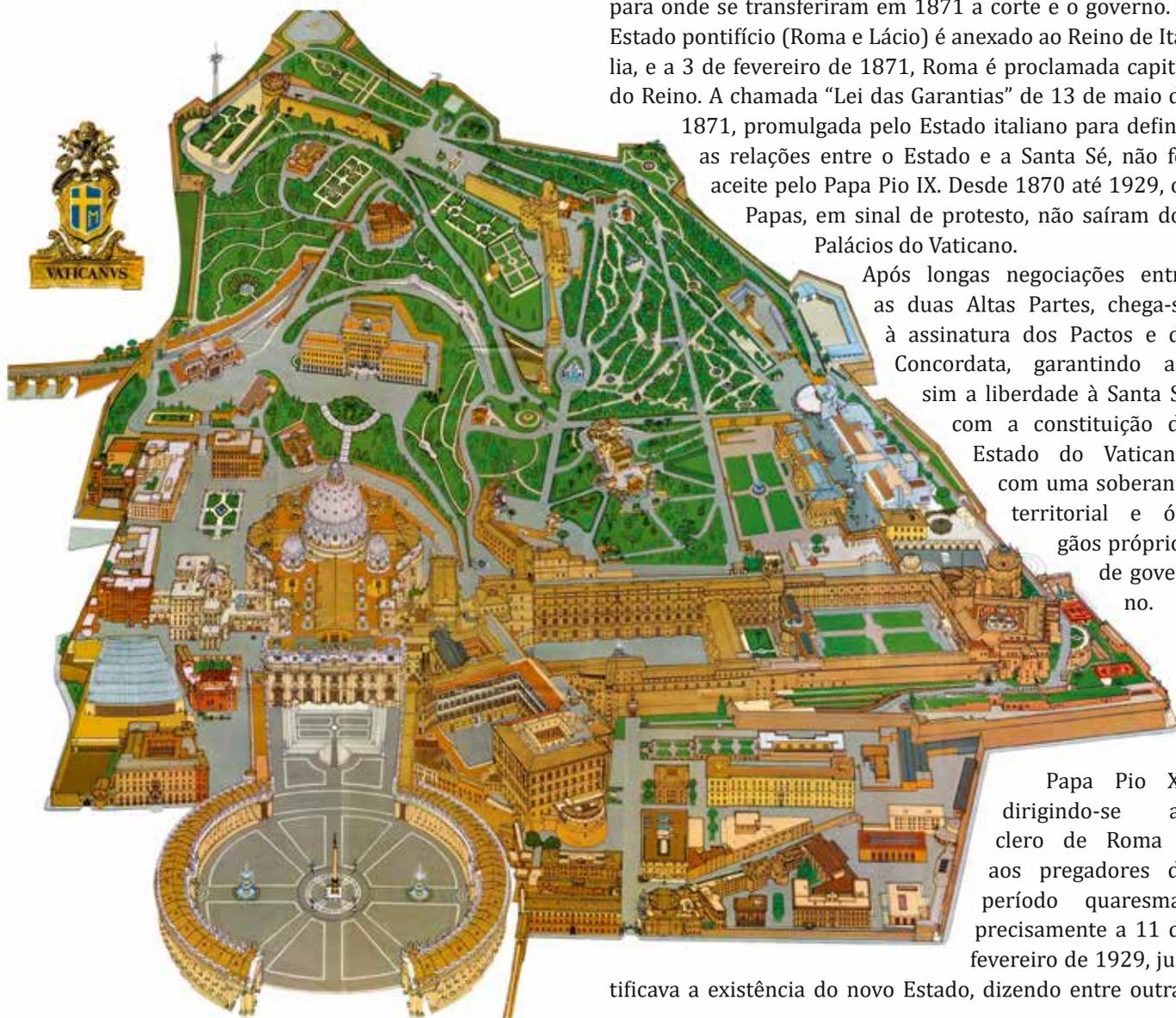
Neste escrito, algumas notas sobre o Estado da Cidade do Vaticano, no seu 90º aniversário, nascido a 11 de fevereiro de 1929, fruto de um acordo internacional entre a Santa Sé (Papa Pio XI) e o Estado italiano (Mussolini). Esse acordo incluía os Pactos Lateranenses e uma Concordata.

Com a unificação de Itália, levada a cabo pelos políticos italianos, os Estados Pontifícios da Itália central foram anexados em 1861, exceto a cidade de Roma. A chamada “Questão Romana” arrastava-se desde 20 de setembro de 1870, altura em que as tropas italianas entraram em Roma, para onde se transferiram em 1871 a corte e o governo. O Estado pontifício (Roma e Lácio) é anexado ao Reino de Itália, e a 3 de fevereiro de 1871, Roma é proclamada capital do Reino. A chamada “Lei das Garantias” de 13 de maio de 1871, promulgada pelo Estado italiano para definir as relações entre o Estado e a Santa Sé, não foi aceite pelo Papa Pio IX. Desde 1870 até 1929, os Papas, em sinal de protesto, não saíram dos Palácios do Vaticano.

Após longas negociações entre as duas Altas Partes, chega-se à assinatura dos Pactos e da Concordata, garantindo assim a liberdade à Santa Sé com a constituição do Estado do Vaticano, com uma soberania territorial e órgãos próprios de governo. O

Papa Pio XI, dirigindo-se ao clero de Roma e aos pregadores do período quaresmal, precisamente a 11 de fevereiro de 1929, jus-

tificava a existência do novo Estado, dizendo entre outras



[Fotos_ Internet]

coisas: «Quando um território pode gabar-se de ter o colonato de Bernini, a cúpula de Michelangelo, os tesouros de ciência e de arte contidos nos arquivos e nas bibliotecas, no museus e nas galerias do Vaticano; quando um território cobre e guarda o túmulo dos Príncipes dos Apóstolos, tem-se pois o direito de afirmar que não existe no mundo território tão grande e tão precioso».

O novo Estado, com uma superfície reduzida de 44 hectares, veio ajudar a Santa Sé e a Igreja na sua missão, tanto no aspeto económico como no aspeto da sua liberdade em anunciar o Evangelho. A sua personalidade é reconhecida como de direito público internacional, distinto da Santa Sé. As fronteiras estão delimitadas por muralhas e, na praça de S. Pedro, pela faixa de travertino que une as duas alas do colonato. Além do território próprio do Estado, a jurisdição vaticana estende-se num certo sentido sobre algumas zonas de Roma e fora de Roma, que gozam do direito de “extraterritorialidade”.

A forma de governo é a monarquia absoluta. O Chefe de Estado é o Sumo Pontífice que tem a plenitude dos poderes legislativo, executivo e judicial. O poder legislativo, além do Romano Pontífice, é exercido, em Seu nome, por uma Comissão composta por um Cardeal Presidente e por outros Cardeais, nomeados por cinco anos. O poder executivo é delegado ao Presidente da Comissão que, nessas funções, assume o nome de Presidente do “Governatorato” e é coadjuvado pelo Secretário Geral e pelo Vice-Secretário Geral. Dele dependem várias Direções e Departamentos centrais. O poder judicial é exercido, em nome do Papa, pelos órgãos (Tribunais) constituídos segundo a estrutura judicial do Estado.

O Estado da Cidade do Vaticano tem uma própria bandeira, assinalada por dois campos divididos verticalmente, um amarelo, aderente à haste, e um outro branco, em que aparece a tiara pontifícia com as chaves decussadas. Emite moeda própria (o euro), e também selos postais. Publica o jornal, “L’Osservatore Romano”, fundado em 1861, e possui a Rádio Vaticana, com origem em 1931, que transmite programas para todo o mundo em diversas línguas, incluindo a língua portuguesa. Para defesa do Papa e do Estado do Vati-



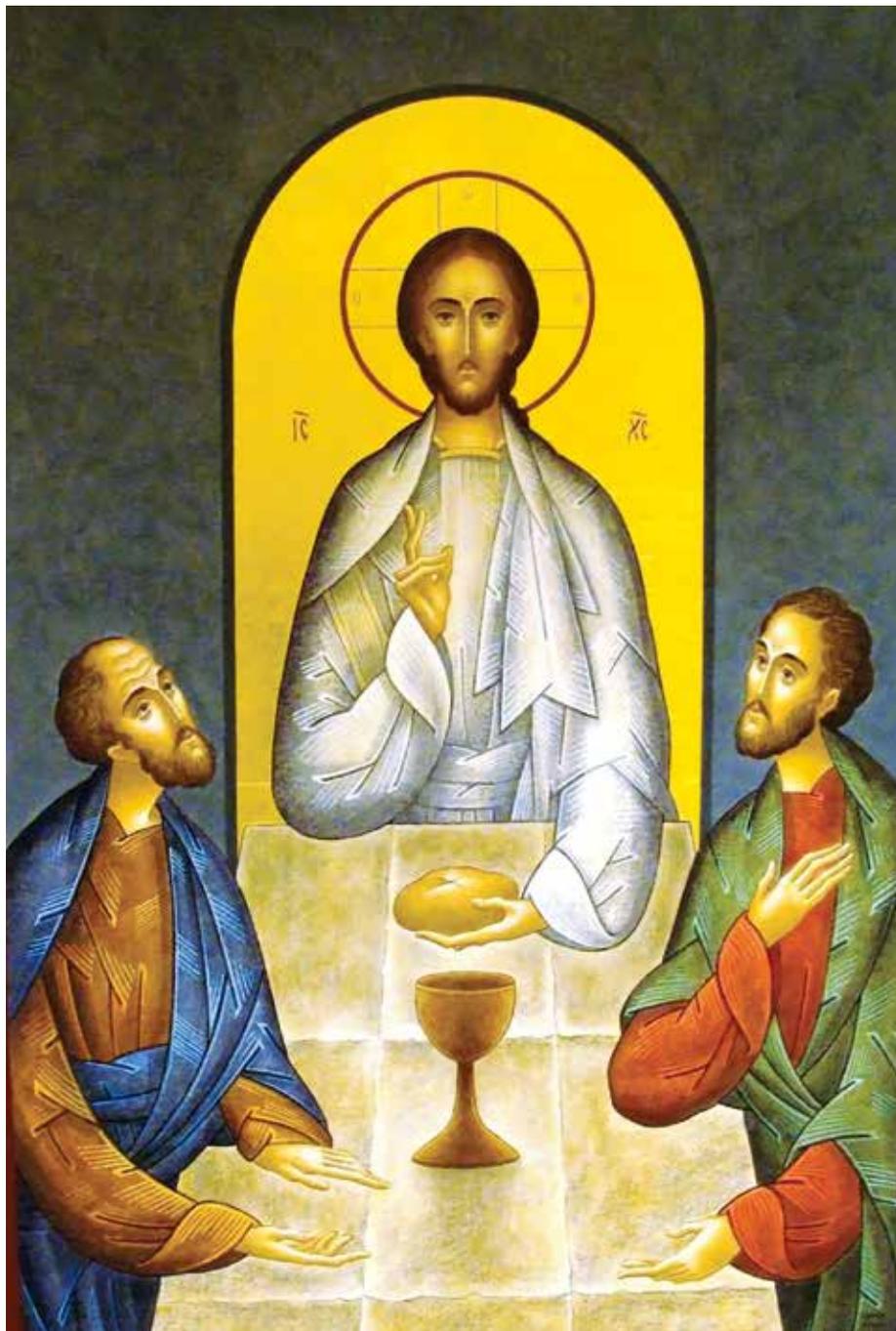
cano, existe a Guarda Suíça, fundada em 1506, e o Corpo da Gendarmaria.

O Estado da Cidade do Vaticano é protegido por uma Lei Fundamental própria, promulgada pelo Papa. A mais recente Lei sobre o Governo do Estado da Cidade do Vaticano, foi promulgada pelo Papa Francisco a 7 de dezembro de 2018 e entrará em vigor a 7 de junho de 2019. Os Papas anteriores promulgaram Leis e decretos que auxiliaram a Cidade do Vaticano no exercício da sua missão. Estas e outras informações podem ser consultados no site do Estado: <http://www.vaticanstate.va>

Doutor Pe. M. Saturino Gomes, scj
Auditor do Tribunal da Rota Romana

Emaús e a revelação da fé Pascal

AUGUSTO CÉSAR



Após a morte de Jesus, os discípulos viram-se de ‘candeia apagada’, sem saber o que fazer e para onde ir. Pois, a “escola” de que eram membros, perdeu a identidade garantida pelo Mestre e a confiança da multidão. Mesmo assim, reuniram-se à volta daquela palavra, que tinham ouvido antes: *“o Filho do Homem vai ser entregue às mãos dos pecadores e vai ser morto... mas ao terceiro dia ressuscitará!”* E este inciso manteve-os congregados e em clima de oração.

Alguns, porém, menos comprometidos com aquela “escola”, sentiram-se desiludidos e regressaram a casa. Assim aconteceu com os dois discípulos de Emaús, que iam murmurando à conta da tristeza que sentiam e do coração trespassado pela crueldade da crucificação do Mestre.

Entretanto, alguém se aproxima deles e acompanhando-os durante algum tempo, procura indagar o tema da conversa. E a resposta foi assim: *“tu serás o único estrangeiro, que não sabes o que se passou, nestes dias, em Jerusalém?”* E, de novo, a pergunta: *“o que foi?”* Depois de relatarem o acontecido, ouviram com estranheza, a seguinte correção: *“será que vós não acreditais nas Escrituras?”* – e começando desde o princípio, foi-lhes lembrando o que os profetas diziam acerca do Messias.

Ora, quantas vezes isto mesmo acontece connosco: diante de factos ou acontecimentos que nos perturbam, deixamos de acreditar no essencial e desviamos-nos do verdadeiro caminho. E, até, as ruas do nosso bairro aparecem, de vez em quando, povoadas de

uma espécie de ‘discípulos de Emaús’ – isto é: pessoas que caminham tristes, desalentadas, incapazes de sorrir e, até, de saudar quem passa pela mesma via... E, ainda, outras questões semelhantes a estas: porque terá isto acontecido comigo... e porquê, nesta circunstância ou nesta hora?...

Entretanto, o caminho aproxima-se do limite, uma vez que a casa de família está à vista e a noite se avizinha. Daí, o convite feito àquele ‘estranho’ que já é considerado como ‘amigo’: *“fica conosco!”* Depois, uma vez sentados à mesa, ouvem as palavras e observam os gestos da Última Ceia: a bênção do pão...a fracção do mesmo e a sua partilha... E, logo a seguir, deixam de ver o hóspede! Depois, uma vez sozinhos, os dois discípulos comentam entre si: *“não é verdade que nos ardia o coração, quando Ele nos falava, ao longo do caminho?”* E regressando apressadamente ao encontro dos outros discípulos, exclamaram com entusiasmo: *“vimos o Senhor!”* E ouvem deles: *“e nós também!”* Quer dizer: as palavras de Jesus haviam-se concretizado... e o Mestre de antes é, agora, o “Senhor”!

Assim, mesmo que nos afastemos do verdadeiro caminho, por fraqueza ou por descrença, Jesus não se afasta de nós e vai-nos dando sinais que revelam o Seu rosto. Pois, a graça do céu sara as feridas abertas pelas grandes deceções e sopra as últimas brasas que se mantêm acesas no meio da cinza da desilusão. Ou seja: o caminho que percorremos, cada dia, não pode ser considerado como mera passagem, sem um fim à vista; pois, aquele que nos acompanha pode ser mesmo Jesus Cristo! E, então, também a companhia que nós oferecemos deve ter sabor a fraternidade; e deve respirar, de certo modo, o perfume da ressurreição.

Isto, à maneira dos discípulos de Emaús que experimentaram uma verdadeira “páscoa”, passando da discussão ao reconhecimento, do queixume à gratidão, da desilusão ao entusiasmo, e de um coração vazio e decepcionado, a um coração ardente e a transbordar. Mas isto só aconteceu, depois de os dois discípulos terem convidado Jesus a entrar em sua casa e a sentar-se com eles à mesa. E, a seguir, tendo comido o pão por Ele abençoado, partido e repartido... olharam para Jerusalém e regressaram apressadamente ao encontro dos demais discípulos. Na realidade, só desta maneira o Pai-Nosso tem sabor e o céu e a terra dialogam juntos! Dito de outro

modo: para reconhecer Jesus Cristo, é preciso caminhar com Ele, escutar a Sua palavra e sentar-se à mesma mesa, saboreando o ‘pão da vida’. Depois, há que regressar à comunidade para partilhar a fé... para caminhar, lado a lado, pela estrada que conduz à glória do reino dos céus... e para evangelizar.

Ora, em tudo isto assenta a pedagogia da Igreja que abre os olhos à revelação de Deus, através da Sagrada Escritura... e ilumina a mente... e aquece o coração, mediante a partilha do pão. E, deste modo, a Igreja passa a ser a “casa comum”, a favor dos que creem no Ressuscitado e dele se tornam testemunhas; e, também, como Gruta de porta sempre aberta, para todos os que são atraídos mediante a curiosidade ou chegam dispostos a ouvir o coro dos ‘Anjos’ e a descobrir o que a ‘estrela’ anuncia.

Realmente, a luz da Ressurreição ilumina o caminho todo e faz com que o Jardim do Éden se expanda até à Gruta e, dali, até ao Calvário... passando, ainda, pelo túmulo vazio, e sugerindo em cada baptizado, a confiança expressa por S. Paulo: *“já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim!”*

Quer dizer: depois da Ressurreição, os discípulos reunidos ouviram esta saudação: – *“a paz esteja convosco... sou Eu... não temais!”* E eles, surpreendidos, começaram a olhar para Jesus com outros olhos, pois, juntamente com as marcas da Cruz, viam n’Ele a força da vitória! E, então, encheram-se de coragem e de gratidão, começando a olhar para o futuro, com outra confiança. Entretanto, Tomé – um do grupo – estava ausente naquela hora e, quando regressou, mostrou incredulidade perante a notícia. Mas Jesus voltando, de novo, ao encontro dos discípulos, corrigiu aquela incredulidade, diante de todos. E como? Mostrando as feridas das mãos e dos pés, e também a do lado, e ordenando que as tocasse com as mãos. E ao jeito do que fizera, antes, com os discípulos de Emaús, acrescentou: *“não sejas incrédulo mas fiel!”* E Tomé arrependido, exclamou: *“meu Senhor e meu Deus!”*

Então, Jesus estende o mesmo gesto pelo tempo além (mediante o Evangelho e por meio da Igreja)... e acrescenta: *“Porque viste, Tomé, acreditaste... mais felizes serão os que acreditarem sem terem visto”*. E o perfume da Ressurreição chegou até nós!

A vida fundamentada na fé

TERESA SÁ



A vida fundamentada na Fé é vida em diálogo, com tolerância, entendimento, e esperança cristã, é saber escutar com alegria no olhar, atendendo ao essencial, sem nos alhearmos de Deus, mesmo que nos pareça que Deus está sempre a escapar-nos, está sempre do lado de lá.

Não somos nós que definimos a verdade de Deus, mas é dessa Verdade que temos de nos aproximar como seres alicerçados n'Ele. E também nós, os crentes, temos de confessar a razão do nosso limite, porque Deus está para lá daquilo que é possível.

A santidade de Deus desconstrói a nossa referencialidade de Deus e da Sua Santidade. Perante Deus a nossa Adoração é pura, é silenciosa... Não é

fácil a condição de Adoradores.

Por outro lado, Deus manifesta-se, faz-se Luz, deixa-se iluminar, deixa-se encontrar como a um amigo, como podemos ler no livro de Dt 4, 12: *“O Senhor falou-vos do meio do fogo; ouvistes o som das palavras, mas não vistes figura alguma. Era uma voz apenas”*. Não temos a figura de Deus, mas conseguimos escutar a Sua Palavra. A Santidade de Deus diz-nos alguma coisa porque Deus é revelação, é Deus de Aliança que diz a cada um, não tenhas medo, eu mesmo te ajudarei... Deus Santo é Deus de relação, e o Amor é um traço fundamental do Seu agir.

A santidade de Deus envolve-nos e solicita de cada um de nós a santidade como resposta. Assim diz o Sl 24,4: *“Mostra-me Senhor os Teus Caminhos,*

dirige-me na Tua verdade e ensina-me, porque Tu és o Deus meu Salvador. Em Ti confio sempre”.

A santidade é um acontecer em nós, tem um lugar em nós. É um bem a realizar, é um compromisso existencial que requer fidelidade.

A santidade que recebemos no Batismo vai percorrendo um caminho até à plenitude da vida em Cristo, na relação fraterna e humana.

A santidade tem uma grande diversidade de caminhos onde o Espírito Santo atua e se manifesta. A caridade é o elemento nuclear da vida de santidade. O cristão santifica-se pelos e nos seus deveres e tarefas da própria vida. O cristão recebe tudo como vindo do Pai Celeste e aceita e vive em todos os Caminhos: caminho dos Mandamentos, os caminhos em Igreja sempre acompanhado da Palavra de Deus que lê na Bíblia.

O Papa Francisco, alerta para a importância da “cultura do encontro” e deseja que a Fé em Jesus mantenha vivo “um sonho comum” que é o de “sermos construtores de pontes e não de muros”.

Cada um pelo seu caminho, porque a vida de Deus comunica-se a uns de um modo e a outros de outro. A cada um Deus concede um dom particular e a cada um lhe responde, ajudando-o a discernir o seu próprio caminho e trazendo à luz o melhor de si mesmo, e por isso, ninguém poderá imitar algo que não foi pensado para si. Segundo Michel Remery, «servir Deus significa que precisamos de descobrir o que é que Ele

[Foto_Internet]



nos pede. Para sermos felizes precisamos de descobrir o que é que Ele nos pede. Para sermos felizes precisamos de aprender a confiar em Deus».

Como cristãos, pertencemos a Jesus para sempre pelo Batismo. Isto terá que ser visível na nossa vida no comportamento com Deus e com os outros. Fomentar o encontro é apelo e convite a termos a coragem de manter vivo um sonho comum. Sim, um sonho grande e capaz de envolver a todos. Deus pede-nos que façamos o que Ele quer para

nós. Todos temos uma vocação própria: escolhendo-a conscientemente, torná-nos-emos verdadeiramente FELIZES.

A palavra «feliz» expressa que a pessoa é fiel a Deus e que vive a sua Palavra na doação de si mesma, e que o caminho que percorre para ser feliz, passa por:

Amar o outro amando-se a si mesmo;
Saber dar a vida plenamente;
Entregar-se ao que muitas vezes é difícil para que algo de melhor nasça;
Viver livre sem que nada a prenda e que

a sua vida seja um presente para todos;
Amar incondicionalmente a todos;
Deixar-se olhar por Jesus que vê para além das aparências;
Em tudo ver a vontade de Deus que sabe sempre o que é melhor para nós.

“Animemo-nos uns aos outros nestes propósitos e assim compartilharemos uma felicidade que o mundo não poderá tirar-nos”! (Cf. Francisco, Alegrai-vos e Exultai)

Dra. Teresa Sá, Mãe e Bisavó

O grande Amigo

TERESA COSTA

Eu tenho um grande amigo
Que anda sempre comigo
No meu caminho é luz.
Muito cedo O amei
E, nunca mais o deixei
O nome d'Ele é Jesus.

Quando estou em solidão
Ele fala no coração
Eu sinto-me feliz assim.
Aos outros, pareço sozinha
Sou livre como a andorinha
Tenho o mundo dentro de mim.

Grande dom que é a vida
Que para ser bem sentida
Eu fiz uma reflexão.
Olhei tudo em redor
Todo o mundo tem valor
Foi a minha conclusão.

Com os pobres eu aprendo
E, até me surpreendo
Quanto têm para me dar.
Tanta qualidade existe
Minha alma não resiste
Estão a me alimentar.

As crianças todas elas
Seus olhos são janelas
Que transmitem a pureza.
Do futuro são a esperança
Não manches uma criança
Para que conserve a Beleza.

Também os Adolescentes
Curiosos e independentes
Em fase de transformação.
Descobrem sempre coisas novas
Com os adultos tiram provas
À espera de compreensão.

Os velinhos, conselhos nos dão
Sua cultura é uma lição
Fruto da experiência.
Seu olhar é de ternura
Numa linguagem segura
Que lhes dita a consciência.

O mendigo que anda na rua
Com pele suja e nua
Sem abrigo para viver.
Sua cama é um cartão
Espalhado pelo chão
Não tem hora de recolher.

O preso que está na cadeia
Pela liberdade anseia
Numa esperança renovada.
De se integrar na sociedade
Em busca de felicidade
Que um dia lhe foi privada.



O doente no Hospital
Onde eu segui o meu ideal
Durante muito tempo.
Paciente e sofredor
Tentando enganar a dor
Dele eu colhi bom exemplo.

Está longe da família
Para tratamento e vigília
De alguém que saiba enten-
der.
Precisa muito cuidado
Sobretudo o acamado
Já que em casa não pode ser.

Há também a natureza
Que nos dá grande riqueza
E, encanta com a sua cor.
Tudo isto nos foi dado
Num plano bem traçado
É obra do criador.

O Mundo que eu convivi
Deu-me muito, eu aprendi
Tornou BELA a minha vida.
É uma força maior
Que faz-me dar o valor
E, sentir-me protegida.

E, antes de terminar
Uma mensagem vou deixar
Quer seja crente ou não.
Se queres Jesus conhecer
Faz para Ele nascer
Dentro do teu coração.

Deixa-lhe a porta aberta
Que Ele entra na hora certa
Não precisa apressarias
Que a Felicidade que tanto
adoras
Não sejam só umas horas
Mas, brilhe todos os dias.

Enf. Teresa de Gouveia da Costa

A Luz e a Veste Batismal do Venerável Pe. Formigão

RAFAEL JOSÉ ANTUNES MARQUES



No dia 17 de fevereiro de 2019 realizou-se no Espaço Pe. Formigão (Casa do Apóstolo de Fátima), o primeiro encontro oficial e evocativo da vida do Venerável Pe. Formigão, iniciativa que se pretende realizar três vezes por ano, com o objetivo de dinamizar o seu espaço. Em termos genéricos, cada evento tem quatro partes: acolhimento das pessoas no interior do Espaço Pe. Formigão; enquadramento histórico do momento da vida do Servo de Deus que se pretende assinalar; apresentação das peças museológicas com ligação ao respetivo momento histórico e um momento de reflexão.

Neste primeiro encontro fez-se a evocação do batismo do Pe. Manuel Nunes Formigão, que se realizou no dia 18 de fevereiro de 1883 na igreja de São João Baptista, em Tomar, templo considerado monumento nacional desde 16 de junho de 1910.

Fez-se a apresentação de quatro peças em exposição neste Espaço e relacionadas com esta etapa de vida do Pe. Formigão: a representação gráfica da pia batismal da igreja de São João Baptista, o registo de nascimento e de batismo, a vela e a veste batismais. O registo de nascimento e batismo é um documento histórico importante por quanto atesta a origem biológica e cristã de Formigão. O documento certifica a data e local de nascimento, a data e local de batismo, a filiação, nomeia os avós paternos e os padrinhos e é assinado pelo ajudante de repartição do Registo Civil do Concelho de Tomar. As outras duas peças chegaram até nós em bom estado de conservação graças ao cuidado de Antónia Formigão, irmã do homenageado, que as preservou, conservou e mais tarde doou à Congregação. A vela, de cera natural, é decorada com pe-

[Fotos_ Arquivo MNF]

quenas flores, o monograma lábaro dourado e a aplicação de fio simples dourado. É uma peça muito modesta como aliás todas as peças do acervo de Manuel Nunes Formigão, o que diz muito da sua pessoa e modo de viver. A veste batismal, de cambráia de algodão, de manga curta, aberta nas costas com a aplicação de dois botões pequenos e brancos. Tem uma fita de seda azul aplicada à altura do decote. Esta veste foi usada no batismo dos três filhos de Manuel Nunes Formigão e Maria da Piedade Mendes Dias, e só mudava a cor da fita de seda, que foi cor-de-rosa para a Antónia Formigão.

O momento de reflexão esteve a cargo do Pe. Mário Duarte, pároco da igreja onde o servo de Deus foi batizado há 136 anos, subordinado ao tema “O batismo como chamamento à santidade”. Em traços genéricos, o Pe. Mário abordou a importância do batismo como o primeiro sacramento de iniciação cristã, e pelo batismo fomos ungidos tal como o foram os profetas do Antigo Testamento. Todo o batizado tem a obrigação de irradiar a luz de Cristo entre os seus semelhantes, sendo que por isso todo o cristão é chamado à santidade. O caminho de santidade leva cada batizado à alegria e à felicidade, ao jeito das Bem-aventuranças que se ouviram no Evangelho deste domingo (17 de fevereiro de 2019). Ser santo é não se resignar, e avançar sempre, recusando viver na suficiência, acreditando que a ajuda de Deus nunca falta.

Este encontro evocativo terminou com chave de ouro, através da excepcional apresentação de um momento musical, levado a cabo pelo grupo Ensemble Solenne Spirituoso. Este grupo é formado por quatro jovens que partilham a mesma paixão: a música. Todos os seus membros são formados em música e dedicam a sua vida a transmiti-la aos outros. O Ensemble é constituído por violino (Mariana Marto), oboé (Filipa Custódio), canto (Sara Pedro) e piano/órgão (Inês Machado) e possuiu um repertório que abrange os mais variados estilos, incluindo a música litúrgica e erudita.

O próximo encontro evocativo (sacerdócio do Servo de Deus) será realizado no dia 7 de abril, com a presença do Bispo de Bragança, D. José Manuel Cordeiro.

Rafael Antunes Marques,
Membro da ORF.



Manuel Nunes Formigão: Missionário e primeiro historiador dos acontecimentos de Fátima

MARGARIDA RÉZIO

[Fotos_ Stella]

Nunca será demais insistir nas contribuições que, para a história religiosa e social, a atividade literária do Venerável Cônego Manuel Nunes Formigão vem proporcionando aos investigadores das várias áreas científicas, que há décadas vêm produzindo história acerca dos acontecimentos de Fátima.

O estudo que empreendeu o Venerável Pe. Formigão, estendeu-se do início dos acontecimentos de Fátima em 1917, à preocupação com a saúde dos irmãos Marto, São Francisco e Santa Jacinta, e ao cuidado da educação da vidente Lúcia. Estendeu-se ainda à catalogação e conservação do inicial espólio de cartas, à concretização da fundação da Congregação das Irmãs Reparadoras de Nossa Senhora de Fátima. Esta foi anunciada pela mensagem de Santa Jacinta, torna o Padre Formigão, com o seu trabalho de campo registado num diário de bordo, no primeiro investigador-historiador a produzir conhecimento sobre as Aparições, na Cova da Iria.

A obra fundacional principal, por enraizamento e inspiração mariana, foi a Congregação das Irmãs Reparadoras, contudo há a salientar várias outras fundações de grande relevo, como a obra das Oblatas, e a Revista STELLA que chega à atualidade, com fins de missão, expansão, reparação e divulgação da Mensagem de Fátima, seguindo o carisma do Pai Fundador, o Venerável Cônego Formigão, que foi apóstolo na vida diária durante a sua existência.

Recordá-lo nos seus escritos, em espaço expositivo, ou através de teste-



munhos públicos, com quem contactou em viva atitude missionária com as populações, é uma forma de perceber-se a cultura mariana da sua obra fundacional de inspiração mediada, e transmitida pela espiritualidade fecunda, infantil, da vidente Santa Jacinta.

Pode afirmar-se que a vocação mariana reparadora, precisamente porque tende a realizar uma vida de plena comunhão na concórdia e na paz, é particularmente uma vida totalmente orientada para uma vivência santa em oração, como deve sê-lo cada vida humana, que de tudo dê glória a Deus. Nesta perspectiva, o novo paradigma congregacional de reparação contemplativa, constituiu uma forma de oferecer a Deus o culto em espírito missionário junto a todos os seres humanos, como forma de caridade fraterna salvífica.

Como missionário, o Venerável Padre Formigão, orientou a sua ação para a concretização da obra para que fora indigitado, revelando-se um homem sábio, culto, dinâmico e santo, como tantos o reconhecem.

A sua fisionomia espiritual é inconfundível, ele próprio, define-se com terníssima devoção a Maria, a mãe sempre atenta e disponível que o envolve com calor materno no meio das dificuldades. A mulher-mãe silenciosa, de poucas palavras, sem protagonismo, vigilante da missão do seu Filho, a protetora da primeira comunidade cristã que se tornou a Mãe das multidões.

A perfeição apostólica manifestou-se na instituição por ele fundada, na

boa formação intelectual e religiosa dos seus membros, na disciplina, castidade, desprezo pelo mundano, na procura de melhores benefícios espirituais através de formação doutrinal, do vincado exemplo na virtude, prioritariamente votada a uma atividade espiritual e missionária de reparar por amor.

Assim, a Congregação das Irmãs Reparadoras de Nossa Senhora de Fátima inscreve-se num propósito louvável de missionação, propagando a devoção mariana, através do Apostolado Mariano reparador, com especificação própria, respondendo aos pedidos da Santíssima Virgem em Fátima, uma de reparação, outra de missionação, contribuindo para alcançar a Paz no mundo.

O Venerável Padre Formigão tinha Deus como a prioridade das prioridades, numa vivência sacerdotal permanente, tendo como modelo Jesus Eucaristia, vivendo uma vida de graça.

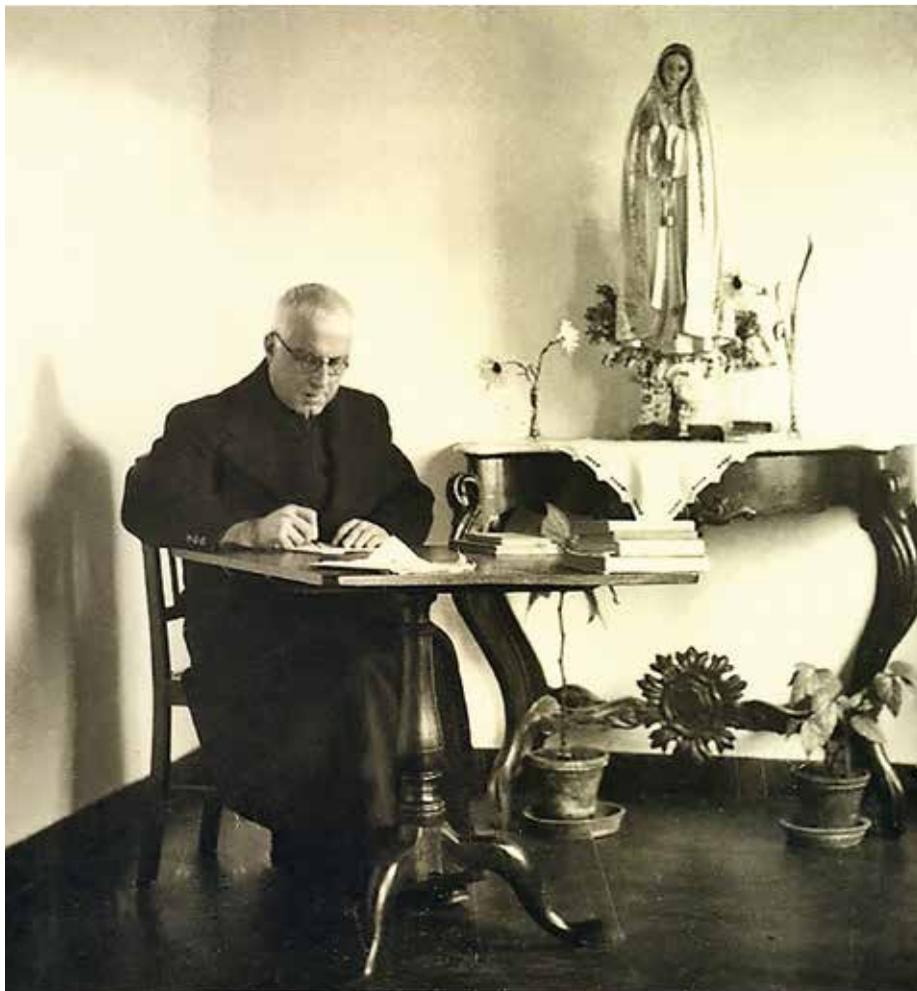
Nesta perspectiva, na exposição realizada no MASE – Museu de Etnologia de Fátima, focada no périplo religioso missionário, dá-se destaque ao padre missionário, atualmente em processo de Canonização, para o ver do lado de Deus mediante uma opção pessoal, por uma vida pobre e humilde, casta e obediente, vivida em santidade. Uma vivência sacerdotal contemplativa, reparadora, seguindo o Evangelho, a justa orientação do caminho, que lhe permitiu estar junto das pessoas com valores perenes que lhe alimentaram a esperança. Estes valores para quem segue a sua espiritualidade, são sempre atuais.

Assim, a exposição convida a refletir e, a pensar, a devoção mariana hoje. Tem como um dos objetivos apresentar a obra fundacional e a espiritualidade do Venerável Padre Formigão, apoiada numa mística mariana, que procura conferir uma melhor compreensão da devoção mariana da Mensagem de Fátima em campo universal, num tempo de profunda reformulação de missionação.

Doutora Margarida Rézio,
Colaboradora do CEHR – UCPL
Doutorada em Sociologia
Pós-Doutorada em História Religiosa

Pe. Formigão – Testemunho

MARIA INÊS VIEIRA



Quanto mais penetro no arquivo, que estou a tentar ordenar, da nossa revista STELLA que tem a sua origem no ano de 1937, e se apresentou ao mundo como “revista católica de cultura feminina” ou “revista católica portuguesa” pelo grupo fundador, incluindo o Dr. Formigão que a criou com o intuito de oferecer, os acontecimentos de Fátima que ele mesmo presenciou. Pas-

sados 20 anos da primeira aparição de Nossa Senhora aos Pastorinhos, escreveu na revista de agosto desse mesmo ano: «Ao lado da estrada que atravessa uma das nossas mais belas cordilheiras, quase no centro geográfico de Portugal, ergue-se Fátima, a mística cidade da Virgem, estância de mistério e de milagre, para onde se voltam as almas e os corações dos crentes e aonde acorrem, aos milhares e às centenas

de milhares, os peregrinos, os turistas e os curiosos». E continua a relatar com enlevo o que lá observava: «Terra única do nosso país, terra única no mundo depois de Lourdes, ela tem o condão maravilhoso de atrair com a sua força sobrenatural os fiéis para orarem, os indiferentes para verem e os incrédulos para procurarem a explicação do facto incomparável de Fátima. Há realmente neste lugar privilegiado do Céu, um facto manifesto irrecusável, esmagador: o milagre da multidão».

O primeiro sentimento, ao ler o que o Pe. Formigão escreveu, passa por um profundo agradecimento a Deus pelo dom da sua pessoa, da sua riqueza intelectual, da capacidade de trabalho e do seu extraordinário talento de comunicação. De todos os modos, até ao final da sua vida, procurou escrever e caminhar na verdade, abrindo a sua alma e confessando suas debilidades, buscando vivamente em Deus o desejo de indagar a verdade e, por isso, pôs-se todo nas mãos de Deus.

O Pe. Formigão era um verdadeiro mestre do espírito, unia a sabedoria, a discrição, a prudência, a suavidade, a paciência e a amizade. Isto explica que tantas pessoas, ao longo da sua vida tenham batido à sua porta e buscassem a sua palavra como um tesouro. Bastava um encontro com ele, ainda que fugaz, para que a luz brilhasse nas suas almas. Nada passava despercebido ao seu atento olhar. Não é fácil encontrar quem nos acompanhe e nos dê luz, porém, quando alguém sabe dar com alegria, a alma espraia-se até limites insuspeitos, nascem asas para voar como as águias, sem ter de andar “em polos fechados”.

[Fotos_ Arquivo MNF]

Um segundo sentimento de gratidão surge pelas palavras que recebemos como um presente e as conservamos como únicas, como um tesouro, tal como o seu magistério, a sua proximidade, o seu alento e carinho. Com o seu coração ferido mas sempre caloroso, conseguiu que a Congregação que fundou dedicada à Reparação, se instalasse definitivamente em Fátima e, quando recebeu a notícia da sua aprovação, em Roma, sabemos que saiu do coração do Pe. Formigão um canto agradecido, sereno e seguro. Ao olhar em retrospectiva as grandes ondas do lago, exclamou uma única palavra: «**Magnificat!**» e ficou em silêncio. Mais tarde, com o primeiro grupo das irmãs, rezou: *“Te dou graças, Pai... porque revelaste os mistérios do Reino à gente sincera, lutadora e confiante, ao grupo dos pequeninos”*.

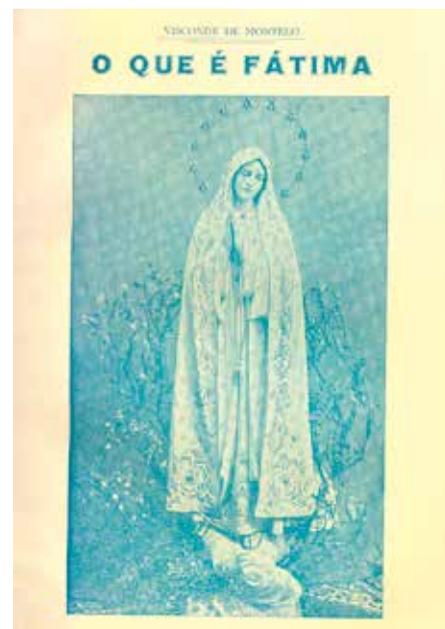
O meu terceiro sentimento é de congratulação por ter conhecido irmãs que viveram com o Pe. Formigão. Ouvi-as dizer com emoção, que o Fundador era um verdadeiro pai, um mestre, e um irmão, pois as suas portas sempre abertas a quem acorria a si, para a retificação de alguma incerteza, aperfeiçoar algum comportamento, emendar ou até polir sentimentos, e o Pe. Formigão sempre paciente, entusiasmado e contagiando com o seu estímulo animador. Quando explicava a pedagogia da Oração reparadora referia sempre: *“A oração vem da vida e devolve-nos à vida”*. As últimas lições sobre a reparação foram um convite a voltar à vida para mostrar com obras os encontros transformadores de Deus conosco. Pretendia que as suas irmãs con-



seguissem que a mística e humanismo caminhassem juntos, pois a oração nunca poderia ser evasão nem autorreferencialidade, mas encarnação e solidariedade compassiva com a história.

O Fundador não só ensinou nos seus colóquios mas também o viveu na vida de cada dia. O contacto vivo e constante com Maria Mãe de Jesus e, sobretudo a sua experiência de amizade com Deus fizeram dele uma pessoa delicadamente humana, sensível à dignidade de cada pessoa que se aproximava dele. Falou e viveu um humanismo impregnado de Deus.

O Pe. Formigão gozava de uma consciência especial em relação à ajuda mútua na comunidade, pois o que era dele era de todos. Isso o fazia tremendamente humano, e dizia: *“Quanto mais*



santos mais convertidos aos irmãos... que é o que muito temos de procurar: ser afáveis, e agradecer e contentar as pessoas que contactamos, em especial as nossas irmãs”.

Sempre que recordo esta figura única na sua trajetória por esta vida, e que é para nós uma referência, desejo que continue a receber de Maria, a Senhora de Fátima, mais brilhante que o sol, e do Pai, a retribuição de tudo o que fez durante a sua vida. E peço-lhe que lá do Céu, ajude a nossa família religiosa a caminhar fielmente no espírito reparador seguindo as suas inspirações.

Hoje, ao pensar no Venerável Fundador, sem saber, o céu parecia que estava mais próximo quando amanheceu. Mais azul. Mais cativante, mais dentro. Diferente.

Ir. Inês Vieira, rf

COMO VEJO AS IRMÃS DA MINHA ESCOLA?

As irmãs só querem o melhor para nós.

(Lara Mafalda-8 anos)



As irmãs são amigas
de Deus.

(Bruna Costa-11anos)



As irmãs tratam-
-nos com muito
carinho.

(Martim Marques-8 anos)



As irmãs são muito respeitadoras, amorosas, mansas e gostam de nos ensinar muitas coisas.

(André Oliveira-8 anos)



As irmãs são nossas amigas e ajudam-nos muito.

(Lara Mafalda-8 anos)



As irmãs andam bem vestidas.

(Rita Cortez-8 anos)

PEREGRINAÇÃO À TERRA SANTA

STELLA



1º dia – Leiria/Fátima/Lisboa/Tel Aviv – Em hora e local a determinar saída em direção ao aeroporto. Chegada e assistência nas formalidades de embarque. Partida com destino a Tele Aviv em voo direto Elal. Noite a bordo.

2º dia – Tel Aviv/Haifa/Tiberíades ou Nazaré – Chegada ao Aeroporto de Tel Aviv. Assistência e pequeno-almoço num hotel. Início da Peregrinação, saída em direção a Jaffa (antiga Jope), visita da Igreja de S. Pedro, Bairro dos Artistas, onde se encontra a casa de Simão, o Curtidor. Prosseguimento para Cesareia, antiga Capital Romana, local da prisão de S. Paulo, visita do Anfiteatro e aqueduto Romano. Continuação até Haifa, subida ao Monte Carmelo, visita da Gruta de Elias e Convento da Stella Maris. Almoço e continuação da viagem até Tiberíades ou Nazaré para jantar e alojamento.

3º dia – Tiberíades/Monte Tabor/Tiberíades – Após pequeno-almoço no hotel, saída para visitas à volta do lago Tiberíades. Subida ao Monte das Bem-Aventuranças. Continuação para Cafarnaum, visita da Sinagoga e Casa de S. Pedro. Tabgha, Igreja da Multiplicação dos Pães e dos Peixes, Igreja do Primado de Pedro. Travessia do Lago em barco. Almoço, subida de táxi ao Monte Tabor para visitar a Basílica da Transfiguração. No regresso passagem pelas margens do Rio Jordão. Jantar e alojamento no Hotel.

4º dia – Tiberíades/Nazaré/Belém – Pequeno-almoço no hotel e saída para para Nazaré. No caminho passagem por Caná, local do 1º milagre de Jesus, visita de Igreja. Chegada a Nazaré, visita dos locais ligados à Sagrada Família, ou seja, Igreja de S. José e Basílica e Gruta da Anunciação. Almoço, viagem da Galileia até à Judeia, passando pelo Vale do Jordão até Jericó, passagem pelo Monte da Tentação. Descida ao Mar Morto para visita de Qumram, onde foram encontrados os famosos manuscritos de Mar Morto. Possibilidade de tomar banho nas águas salgadas do mar. Subida à cidade Santa de Jerusalém através do deserto da Judeia, passando pela “Estalagem do Bom Samaritano”. Chegada a Belém, jantar e alojamento.

[Foto_Stella]

5º dia - Belém/Ein Karen/Belém – Pequeno-almoço no hotel. Encontro com a guia local e visita ao campo dos pastores. Visita da Basílica de Santa Catarina, Gruta da Natividade, grutas de S. José e S. Jerónimo. Almoço. De tarde, continuação para Ein Karen, visita da Igreja de S. João Batista e Santuário da Visitação. No regresso ao hotel, visita ao Museu Yad Vashem. Jantar e alojamento no Hotel.

6º dia - Belém/Jerusalém/Belém – Pequeno-almoço, saída para Jerusalém. Saudação à Cidade Santa desde o Monte Scopus, local onde os peregrinos que chegavam à cidade a viam pela 1ª vez. Continuação até ao Monte das Oliveiras. Visita ao templo da Ascensão, Gruta do Pai-nosso. Vista panorâmica da cidade de Jerusalém. Igreja Dominus Flevit, Getsenami, Jardim das Oliveiras, Basílica da Agonia, túmulo da Virgem. Igreja e S. Pedro in Gallicantu. Almoço. De tarde, visita ao Monte Sion, Igreja da dormição da Virgem, Sala da última Ceia e Túmulo do Rei David. Regresso ao hotel.

7º dia - Belém/Jerusalém/Belém – Pequeno-almoço no hotel. Entrada na Cidade antiga de Jerusalém pela porta de Santo Estêvão, visita da Igreja de Santa Ana (local da natividade de Maria) e Piscinas Probáticas... Visita das Capelas da Flagelação e Condenação com Litóstratos, arco Ecce-Homo, via Dolorosa até ao Calvário e Santo Sepulcro. Almoço. Visita ao Bairro Judeu dentro das muralhas da Cidade Antiga passando pelo Cardo Máximo até ao Muro das Lamentações. Regresso a Belém para jantar e alojamento.

8º dia - Belém/Jerusalém/Tel Aviv/Lisboa – Pequeno-almoço e passeio pela cidade nova para poder admirar o Knesset (Parlamento de Israel), Supremo Tribunal, alguns Ministérios e o Museu de Israel, onde se encontra o Santuário do Livro, ou seja a exposição dos Manuscritos do Mar Morto e a Maquete de Jerusalém da época de Jesus. Transporte ao Aeroporto, passando por Abou Gosh, antiga Emaús Bíblica. Almoço. Formalidades de embarque e saída com destino a Lisboa. Chegada.

FIM DOS NOSSOS SERVIÇOS

Mínimo de 25 participantes

Preço por pessoa em quarto duplo – 1.705.00 Euros
Suplemento de single – 300.00 Euros

O Preço inclui: Transporte ao aeroporto e do aeroporto de Lisboa. Passagem aérea no percurso de Lisboa/Tel Aviv/Lisboa, em voo EAL, com taxas. Estadia em hotéis de características turística. Regime de pensão completa desde o pequeno-almoço do 2º dia, ao almoço do último dia. Circuito em Israel com autocarro e guia falando português ou espanhol. Entradas pagas segundo a descrição no programa. Acompanhante da agência Verde Pino durante toda a viagem. Gratificações aos guias e motorista; Seguro de viagem; Saco de viagem. **O preço não inclui:** Serviços não mencionados no programa; Extras de caráter pessoal, tais como bebidas telefonemas, etc.,

Passaporte Obrigatório com validade de 6 meses à data da viagem

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:

Ir. Inês Vieira
Rua Francisco Marto,203
2495-450 Fátima
Telm 918 720 028
Telf: 249 530 530
Email : stellaredacao@gmail.com

RESPONSABILIDADE TÉCNICA:

Agência de Viagens e Turismo, Lda.
2495-450 Fátima
Tel. 249 534 767
E-mail: verdepino@verdepino.com

Família/Trabalho – Cultura do “E” ou do “OU”?

TERESA LAGO



Na corrida do dia a dia, debaixo da tirania da urgência que prevalece sobre o que é, de facto, importante, temos vindo crescentemente a adotar modelos económicos e sociais que não são inclusivos mas acabam por ser exclusivos, tomando opções que acabam por “deitar fora” áreas ou aspetos importantes da nossa vida. Isso é visível na forma como lideramos, como educamos, como lidamos com os problemas. É a decisão fácil e rápida, é a cultura que descarta sempre algo, é a falta de atenção ao todo, pela prevalência da parte. Assim, desde cedo temos de optar pela Família OU pela carreira. Pela vida pessoal OU pela profissional. Nas empresas, incompatibilizamos Pessoas com Resultados e acabamos por optar por uma em detrimento da outra. É uma miopia sobre que importa refletir. Será possível uma cultura do “E”? da compatibilização, da “integralidade” da pessoa, do ser, do corpo, não deitando nada fora mas criando maiores harmonias, maior integração, maior inclusão? Não optemos pelo rápido “OU” mas meditemos na plenitude do “E”, e comecemos por nós mesmos, pelo nosso trabalho e responsabilidades, por aqueles que lideramos. Cria maior tensão, é verdade. Se calhar complica-nos o esquema montado do “OU” mas é mais pleno, cria maior valor, gera mais felicidade.

O estudo recente do INE, sobre “conciliação da vida profissional com a vida familiar”, traz-nos alguns dados preocupantes que mostram a enorme dificuldade que as empresas ainda têm em implementar boas-práticas e que gritam por uma alteração de cultura e de políticas em que se valorize e defenda o cuidar e a assistência aos que nos são mais próximos, em que a empresa seja reconhecida como local de trabalho mas também de desenvolvimento integral de cada um, onde o trabalho não despreze as responsabilidades familiares e pessoais de cada um.

Desde 2011, que decresce em Portugal o índice de bem-estar no indicador “Balanço vida-trabalho” (INE), cresce o número daqueles que trabalham mais de 50h por semana, cresce o número daqueles que recebem o salário mínimo, na ordem das 700 mil pessoas; a taxa de divórcios está perto dos 70%.

A incompatibilidade dos horários laborais e escolares, a falta de políticas empresariais, as pressões quotidianas, a ausência de apoio por parte de colegas e superiores, mas, não menos importante, o próprio modo como cada um de nós gere o seu tempo, contribuem negativamente para a conciliação desejada e acabam por enfraquecer a família.

Uma situação que originou o não crescimento demográfico, levando a uma perda de 251.371 portugueses desde 2012 em Portugal, e só na zona Centro menos 84.823 (dados do I.N.E - 2018) e tornando Portugal o 6º país mais envelhecido do mundo.

Uma situação dramática que, no entanto, parece estar a ser alterada pelas novas gerações, que perante uma decisão de emprego já não consideram a estabilidade de carreira como o fator principal, mas 51% destacam o equilíbrio entre a vida pessoal e profissional como base da decisão do seu trajeto profissional (Randstad Employer Brand Research 2018).

É urgente a implementação dum contexto de trabalho saudável para todos, mais equilibrado e feliz, substituindo modelos obsoletos, que são negativos para as pessoas, as organizações e as famílias.

[Fotos_Internet]



A empresa que cresce em comprometimento dos colaboradores, cresce em produtividade, com boas práticas flexíveis às necessidades dos colaboradores. Só assim as empresas irão conseguir reter os seus talentos.

Hoje, somos desafiados a desenvolver uma cultura mais plena e inclusiva e compete-nos apoiar iniciativas como a da ACEGE, que já está a fazer caminho neste campo, com modelos socialmente inovadores, como a nova certificação das Empresas Familiarmente Responsáveis (EFR), que favorece uma nova cultura de trabalho, baseada na flexibilidade, no respeito e no compromisso mútuos, desenvolvendo uma harmonia entre o espaço e tempo laboral, pessoal e familiar.

Uma tarefa imensa, mas que deve começar já hoje com um pequeno gesto pessoal de mudança de atitude e compro-

misso, por exemplo: não telefonando, ou enviando emails a fornecedores ou colaboradores fora do horário laboral, deixando o telemóvel fora do ambiente familiar e da casa.

Serão pequenos, grandes gestos na defesa da Família E da produtividade do Trabalho!

Empresária Teresa Lago, Membro da Comissão Diocesana de Justiça e Paz de Coimbra

Passado um ano continuamos a evocar um dos grandes acontecimentos atuais relacionados com a Proclamação das Virtudes Heroicas do Fundador desta simples, mas importante revista, que ele fundou e, onde publicou os seus artigos enquanto a saúde o assistiu. É justo que se torne presente o que os meios de comunicação social publicaram sobre a razão porque o Pe. Formigão foi digno de receber este grande louvor por parte da Igreja a quem ele sempre amou e serviu com dilação. Queremos recordar e agradecer este momento único e feliz. Graças a ele somos capazes não só de fazer algo mais para que o seu nome seja evocado por todos os crentes, como também de seguir a santidade da sua vida e o exemplo do seu agir.



TOMAR – Papa abre caminho a beatificação do sacerdote tomarense Manuel Formigão – RadioHertz

14 de abril de 2018

O padre Manuel Formigão é figura central na investigação e divulgação das Aparições na Cova da Iria



Manuel Formigão é uma figura central na investigação e divulgação de Fátima como local de um milagre.

Enric Vives-Rubio foto

PUB

O Papa aprovou neste sábado a publicação de um decreto que abre caminho à beatificação do sacerdote português Manuel Formigão, figura central na investigação e divulgação das “aparições” na Cova da Iria.

16 Abril 2018

Manuel Nunes Formigão nasceu em 01 de janeiro de 1883 em Tomar. O seu pai era oficial do exército e vivia no Convento de Cristo numa área para oficiais. Foi ordenado padre em Roma, a 4 de abril de 1908, após ter estudado Teologia e Direito Canónico na universidade. Com as aparições de Fátima, em 1917, recebeu o convite do arcebispo de Mitilene para investigar a ocorrência e está presente na 5.ª aparição (setembro) na Cova da Iria; efetuou vários interrogatórios aos videntes que são a primeira fonte com que de imediato divulga o acontecimento de Fátima.

Há nomes que são um programa de vida, o de Manuel Nunes Formigão é um deles. Este tomarense, nascido no primeiro dia de 1883, foi – nas palavras de D. Manuel Mendes da Conceição – “uma trombeta de Deus”. Depois de batizado na Igreja de João Baptista, na cidade do Nabão, no mesmo ano de nascimento, Manuel Nunes Formigão faz os estudos superiores, em Roma, e é ordenado presbítero naquela cidade italiana a 4 de abril de 1908



OBSERVADOR

Papa aprova decreto que abre caminho a beatificação do sacerdote Manuel Formigão
14/4/2018,

Francisco terá concordado dar o penúltimo passo no processo de santificação. O sacerdote português terá sido uma figura importante na investigação do milagre dos Três Pastorinhos.



Fátima

«Alegria» pelo reconhecimento das «virtudes» do cônego Formigão

Texto J.B. | 16/04/2018

Papa reconhece as «virtudes heroicas» do sacerdote Manuel Formigão, um passo central no processo que leva à proclamação de um cristão como beato, penúltima etapa para a declaração da santidade.

Notícias de

Arronches

Publicação Mensal Independente

PARÓQUIA DE ARRONCHES

sexta-feira, 20 de abril de 2018, PARÓQUIA DE ARRONCHES

Promulgação de oito novos veneráveis

Entre os novos veneráveis, o sacerdote diocesano português Padre Manuel Nunes Formigão.

O Santo Padre recebeu na manhã de sábado (14/04), no Vaticano, o Cardeal Angelo Amato, Prefeito da Congregação das Causas dos Santos, ao qual autorizou a promulgação de alguns Decretos concernentes às virtudes heroicas de oito Servos de Deus, que se tornam Veneráveis:

– Padre Manuel Nunes Formigão, sacerdote diocesano português, Fundador da Congregação das Religiosas Reparadoras de Nossa Senhora das Dores de Fátima, nascido em Tomar, em 1883, e falecido em Fátima, em 1958;



Espaço Padre Formigão

Casa do Apóstolo de Fátima



Horário
todos os dias
9:00 – 18:00

Entrada Livre

Casa N.ª S.ª das Dores – Irmãs
Reparadoras de N.ª S.ª de Fátima
Rua Francisco Marto, 203
Fátima

marcação de visitas para grupos:
249539240

www.reparadorasfatima.pt



Alvará nº 35593

construções

divireis

www.divireis.pt

Av. Beato Nuno, Edf. Sol Nascente, n.º 348 B
Cova da Iria – 2495-401 FÁTIMA
Telf.: 249 531 211 • Fax. 249 538 357 • www.divireis.pt

MUITO MAIS QUE O SIMPLES OLHAR



rosa d'ouro

FÁTIMA Rua dos Monfortinos 249 530 080

NAZARÉ Rua dos Galeões | Edifício SolMar, loja 3 262 561 689

www.optica-rosadouro.pt



Coelho & Sá, L^{da}

INDÚSTRIA ALIMENTAR

Padaria e confeitaria
conservas de frutos em calda e cristalizados
doces, frutas secas e amêndoas

Rua Jacinta Marto, 78 – R/C – 2495-450 FÁTIMA
Tel. Fáb. 249 532 045 • Fax. 249 531 445
Serv. Com. 249 532 447 • coelhoesa@telepac.pt

COLORFOTO

FOTOGRAFIA E VIDEO

Colorfoto - Fotografia e Video
Morada Praça Paulo VI, n.º. 9 - 2495-409 Fátima
Telefone 249 533 828 E-mail colorfotofatima@sapo.pt



Rua de Santo António
2495-430 Fátima
Tel.: 249 530 110 | Fax: 249 530 119
www.hotelstmaria.com | info@hotelstmaria.com


Hotel Santa Maria
FÁTIMA
★★★★

Avenida D. José Alves Correia da Silva
2495-402 Fátima
Tel.: 249 530 120 | Fax: 249 530 129
www.hotelsaojose.com | info@hotelsaojose.com

hotel  são José
FÁTIMA
★★★★

A maior Paramentaria da Europa

PARAMENTARIA DE FÁTIMA

Estrada de Leiria – Apartado 70 | 2496-908 Fátima – Portugal | TELEF 249 532 350/1 – FAX 249 532 326 | www.artesacris.com • comercial@artesacris.com

pedo  Jovem
clínica médica e dentária

Diretora Clínica
Dra. Paula Marto



CONSULTAS_ 2ª a Sábado das 09h às 13h e das 14h às 20h

Edifício Três Reis, 14 - 1.º U, Rotunda Sul - Fátima * telf./fax 249 531 275 * telm. 969512482 * email: pedojovem@hotmail.com



ORAÇÃO
PELAS
MÃES

Louvado sejas, meu Senhor,
pelas Mães.
Pela Mãe de cada um de nós;
pela Tua Mãe, Maria de Nazaré
que tu quiseste fosse também nossa;
por todas as Mães ainda vivas ou já falecidas.

Porque todas as Mães são iguais perante o mistério da vida,
todas são mártires e santas,
todas colaboram Contigo na continuação do género humano.

Louvado sejas, meu Senhor,
pelas Mães pobres e doentes;
pelas Mães sobrecarregadas pelo trabalho, no emprego e em casa;
pelas Mães doadoras de muitas vidas;

pelas Mães que não são amadas pelos seus filhos;
pelas Mães solteiras
e pelas Mães que morreram ao dar à luz uma vida nova.

Louvado sejas, meu Senhor,
pela dedicação que cada um de nós recebeu de sua Mãe;
pela doação de todas as Mães a seus filhos;
e porque no amor das Mães,
revelas o rosto materno do Teu amor a todos os homens.

(Ao jeito de S. Francisco de Assis)